

EDITORIAL

As semanas recentes têm justificado a afirmação de que a agricultura é uma das atividades econômicas mais imprevisíveis do mundo, se não a líder nesse quesito. O trigo gaúcho, por exemplo, parece prestes a ter a safra de melhor remuneração dos últimos anos. Veja bem: não é a mais produtiva, aquela a que o clima mais ajudou, a que o produtor foi mais eficiente, mas sim a que deve cobrir custos e deixar alguma renda no campo, que há anos se pergunta se vale a pena investir no cereal por aqui. Os motivos? Quebra de safra no Paraná, dólar alto e a volta de uma política pré-histórica na Argentina.

Ou seja, além de torcer pelas condições climáticas corretas, que favoreçam o desenvolvimento da lavoura, o triticulor precisa - e depende - de vários fatores externos, igualmente aleatórios, para garantir o retorno do investimento. Algumas chuvas a mais e os produtores paranaenses poderiam estar colhendo normalmente, bem antes dos gaúchos, e pressionando as cotações. O Brasil poderia estar com a economia nos trilhos e, por consequência, com uma moeda valorizada. A situação dos argentinos poderia ser melhor, e assim eles não precisariam apelar novamente para o tenebroso mecanismo de taxar a exportação de commodities, com a meta de fechar acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Seis tentativas e a sorte veio.

Também é chegada a hora de montar a safra de grãos de verão, tarefa que o produtor tem executado com preocupação. O mesmo câmbio que protege o trigo nacional eleva o preço dos insumos importados e contribui para a disparada dos custos. Novamente, não basta fazer tudo certo dentro da porteira para ter resultado: o câmbio no momento da colheita define as margens, até para quem não exporta, porque o mercado internacional é um forte balizador de preços em um setor tão forte como o brasileiro.

Por essas e outras que a Farsul trabalha com uma meta clara: dar mais segurança ao produtor gaúcho. Não faz sentido discutir ano após ano a taxa de câmbio, praguejar contra o dólar. São os projetos e os investimentos que podem mudar essa realidade. Estabelecer uma logística eficiente que garanta ao produtor ser competitivo sob qualquer circunstância e em qualquer destino, por exemplo, ou ter um seguro agrícola que traga renda mesmo nos anos de completa adversidade. Vencidas essas etapas, seria bem mais provável que o trigo tivesse cinco safras boas para cada ruim, e não o contrário. E plantar na primavera certamente não afloraria tanto os nervos.

Naquilo que cabe ao agricultor, resta a eficiência. Produzir mais, gastando menos. Algo que passa, necessariamente, pelo acesso a informações atualizadas e a novas tecnologias. O Senar-RS avançou mais um passo nesse sentido, lançando um programa específico para reduzir os casos de deriva de agroquímicos no Estado, o Deriva Zero, que pegou a estrada rumo a 5 mil atendimentos. A incerteza aqui não cabe: aplicar corretamente é uma questão de informação. Passa longe de ser um problema do outro: o bolso agradece.

Visitantes açorianos

Blau Souza*

Luiz Antonio de Assis Brasil e o escritor açoriano Carlos Tomé, junto com suas mulheres, percorreram a América do Sul numa bela excursão. Como Carlos desejava encerrar a viagem no pampa gaúcho e brasileiro, Assis Brasil e eu planejamos a estada dele e da Idelta entre nós, na Salamanca, estância em Lavras do Sul, que é minha e por herança açoriana. Apesar do inverno rigoroso, tudo andou bem num final de julho, sendo de lamentar, apenas a curta permanência do casal nas Lavras, e que Luiz Antonio tenha estado só por algumas horas conosco, já que ele e Valesca tinham compromissos inadiáveis pós-viagem. Carlos Tomé, escritor e jornalista, recebeu o título de cidadão porto-alegrense em 2011, após reportagem premiada, e que virou livro, sobre a atuação dos açorianos em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul. Tornou-se um conhecedor da terra e do povo gaúchos, mas nunca participara do dia a dia de uma estância em pleno pampa.

Portugal e os portugueses sempre me empolgaram tanto como turista, quanto nas pesquisas sobre história. Que dizer então dos açorianos, que vieram para o Rio Grande sem sonhos dourados, tão somente buscando um lugar para viver com suas famílias. Aqui se estabeleceram com muito trabalho e vida austera, cheios de religiosidade. Mas o impacto causado foi grande, embora falassem a mesma língua e obedecessem ao mesmo rei. Afinal, o Rio Grande da metade

do século XVIII contava com quatro mil habitantes brancos ou mestiços, e chegaram mais de dois mil açorianos para habitá-lo. Eles chegaram pobres e dispostos a fazer do nosso chão a sua pátria. Conseguiram isso com sobras e foram guerreiros na defesa de uma pátria em formação, cujas fronteiras ajudaram a estabelecer.

Por ser um apreciador da história e da geopolítica do Cone Sul da América Latina, reavivei conteúdos de com-

Que dizer então dos açorianos, que vieram para o Rio Grande sem sonhos dourados, tão somente buscando um lugar para viver com suas famílias. Aqui se estabeleceram com muito trabalho e vida austera, cheios de religiosidade. Eles chegaram pobres e dispostos a fazer do nosso chão a sua pátria.

putador e de gavetas antes da chegada do casal à Salamanca. Compartilhei com eles e com Assis Brasil, fatos pouco conhecidos de nossa história, até porque relacionados com período em que a maior parte do Rio Grande estava sob domínio espanhol entre 1763 e 1776. Ocorreu-me considerar como um dos maiores elogios aos ilhéus, a ação de Don Pedro de Cevallos, um dos grandes vultos da Espanha na sua política ultramarina. Ele, do mesmo modo que Félix de Azara, não era apenas guerreiro ou negociador. Ambos preocupavam-se com a permanência efetiva nas terras conquistadas, coisa mais própria dos portugueses do que dos espanhóis. Pois foi

Cevallos que, logo após conquistar grande parte do Rio Grande, quis garantir para a Espanha o concurso de agricultores e civilizadores da mais alta qualidade, os açorianos, que viviam nas imediações da cidade fortaleza de Rio Grande. Como foi isso? Convenceu-os a migrar para terras mais próximas do Rio da Prata e do centro político da América Espanhola. Foi assim que, em três oportunidades, longas filas de carretas percorreram o pampa e chegaram a Maldonado para ocupar as terras prometidas. Colonos açorianos com suas famílias e pertences, sobretudo das Ilhas de Torotama, do Martins ou do Povo Novo, enchiam as carretas. Também havia desertores das forças portuguesas e até escravos de colonos mais prósperos, todos em lento deslocamento sob a proteção de soldados espanhóis. Cevallos quis homenagear o rei Carlos III de Espanha e a nova povoação chamou-se San Carlos, hoje simpática cidade próxima de Punta Del'Este. Don Pedro de Cevallos logo deixou de ser vice-rei de Buenos Aires e voltou para a Espanha. Muitos de seus planos foram mudados e não poucos migrantes voltaram para o Rio Grande. Mas o conceito que ele fazia dos açorianos merece registro nosso e dos hermanos. Gerações de descendentes dos ilhéus, no Brasil, no Uruguai e pelo mundo, comprovam sua excelência como civilizadores. E, ainda hoje, o mar continua a abrir-se às gentes das belas ilhas vulcânicas dos Açores.

*Médico e escritor

EXPEDIENTE

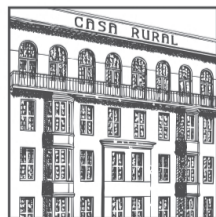
SISTEMA FARSUL



Federação da Agricultura
do Rio Grande do Sul



Rio Grande do Sul



CASA RURAL
CENTRO DO AGRONEGÓCIO

FARSUL

Presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Vice-presidente:
Elmar Konrad
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS

Presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Superintendente:
Gilmar Tietböhl
Divisão Técnica:
João Augusto Telles
Divisão de Arrecadação:
Saulo Gomes
Div. Administração e Finanças:
Valmir Susin

JORNAL SUL RURAL

Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Sebastião Ribeiro (MTb/RS 11.009)
Fotos: Tiago Francisco, Emerson
Foguinho e Marco Quintana
Colaboração: Alessandra Bergmann,
Gerson Raugust e Samuel Lima
Circulação Mensal
Tiragem: 35.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90050-390